

AFONSO DO PAÇO,
FERNANDO NUNES RIBEIRO Y GONÇALO LYSTER FRANCO

Inscrição ibérica da Corte do Freixo (Almodovar)

A) NOTÍCIA PRELIMINAR

Nos primeiros dias de Maio de 1964, presumivelmente no dia 4, o Sr. Manuel Felisberto Guerreiro, residente no Monte Novo, em Santana da Serra, concelho de Ourique, procedia a trabalhos agrícolas com um tractor na sua propriedade denominada *Corte do Freixo*, situada na freguesia de Gomes Aires, concelho de Almodovar, em plena serra do Caldeirão, nas margens da ribeira do Freixo, que corre para a de Odelouca. A certa altura a máquina começou a arrancar de profundidades que variavam entre 30 a 40 centímetros, um grupo de pedras xistosas de apreciável volume, entre as quais uma que continha "certas letras", que por curiosa, foi retirada de entre as outras e cuidadosamente arrecadada.

Algumas dezenas de metros adiante deste local surgiu novo agrupamento de pedras, e entre elas dois fragmentos de uma mesma peça, que tinham qualquer coisa gravada numa das faces. Era a primeira vez que o tractor entrava em acção nesta várzea da Corte do Freixo, e daí virem à superfície materiais que a antiga charrua não atingira, e portanto permaneceram sepultados no decorrer dos trabalhos agrícolas anteriores.

Em face deste achado o terreno foi minuciosamente revisto, e o proprietário e seu filho acordaram em levar os exemplares recolhidos para uma casa que estavam a construir nas vizinhanças, a fim de os empregar na cozinha, de modo que, quando estivessem sentados, pudessem ver os caracteres e desenhos que continham.

Dias depois, a 16 do mesmo mês, de regresso da visita que fizera a uma propriedade sua situada nas imediações, passou pela Corte do Freixo o Sr. Manuel Palma Guerreiro de Carvalho, de Santana da Serra, para observar as obras que o seu paren-

te estava a fazer, e vendo as pedras con letras e gravuras que se guardavam para ser embutidas na parede, sugeriu a sua oferta ao Museu de Beja, ideia que o Sr. Felisberto Guerreiro aceitou, colocando-as de lado para evitar qualquer mutilação dos pedreiros.

O Sr. Guerreiro de Carvalho, que é pessoa algo viajada, conhece Conimbriga e esteve no Castelo de Nossa Senhora da Cola quando da visita ministerial dos começos de 1964, copiou a inscrição o melhor que pode no único papel que possuía, o envulcro de um masso de cigarros.

De volta a Santana da Serra, redigiu com o médico local Sr. Dr. José da Silva Cristina uma notícia que foi remetida ao Sr. Ramiro Sobral Vilhena, funcionário da Câmara Municipal de Ourique e correspondente do "Diário do Alentejo" que por sua vez a transmitiu à redacção deste jornal em Beja, onde foi publicada a 25 de Junho:

"Achados arqueológicos numa propriedade de S. Bernabé (?)"

Ourique: Numa propriedade da freguesia de S. Bernabé denominada Corte do Freixo, quando um tractor lavrava uma várzea poz a descoberto várias pedras, duas das quais com inscrições. É de presumir que se trate de caracteres do alfabeto grego. Talvez seja interessante estudar o caso, pois é de admitir que no local em questão existem outros restos arqueológicos a assinalar vestígios de um passado remoto. O "Monte da Corte do Freixo" é propriedade do Sr. Manuel Felisberto Guerreiro, residente no Monte Novo, freguesia de Santana da Serra, concelho de Ourique".

*

Pelas 22 horas desse mesmo dia 25 de Junho encontravam-se em Beja dois dos signatários (A. P. e G. L. F.) quando chegou o outro signatário (F. N. R.) com o jornal perguntando se tínhamos lido a notícia e ao mesmo tempo a dizer se queríamos lá ir.

O caso não ofereceu discussão: os "caracteres do alfabeto grego" numa zona de inscrições ibéricas, levou-nos a marcar uma ida ao local para a manhã seguinte, adiando por um dia o regresso a Lisboa depois de uma visita às escavações do Castelo de Nossa Senhora da Cola e da acomodação do espólio arqueológico de Abel Viana.

As 8 horas e 30 minutos da manhã de 26 de Junho tomamos o caminho de Ourique no "Landes Rover" de um dos signatários (F. N. R.) e aí procuramos informações mais seguras sobre o caminho a seguir, reputado muito difícil.

Deveríamos ir primeiro a Santana da Serra, onde vivia um tal Sr. Coelho, parente do proprietário, que nos daria as informações de que necessitávamos. Este Sr. Coelho não nos escondeu as inúmeras dificuldades com que iríamos deparar e procurou-nos um guia que, conhecendo bem o caminho nos acompanharia, de carro ou a pé, até à Corte do Freixo.

Através de barrancos e de leitos secos de ribeiros pejados de belos loendros floridos, ou pelo cimo de montes recamados de estevas e providos de um íngreme ca-

minho de bestas, chegamos ao fim de duas horas de “jeep” a um local onde teríamos de deixar a viatura e percorrer a pé o que nos faltava para atingir a Corte do Freixo, nada mais nada menos que alguns cerros e barrancos, umas presumíveis duas horas e meia só num dos trajectos.

Eram 12 horas e 30 minutos, o sol escaldava e resolvemos voltar para Santana da Serra, pois a caminhada afigurava-se impossível a estranhos aos hábitos daquele bom serreno que nos acompanhava.

Já em Santana da Serra, procuramos de novo o Sr. Coelho, encarregando-o de transmitir ao seu parente o pedido de trazer as “pedras” para esta localidade, donde transitariam para Beja.

Enquanto ultimavamos estas indicações acercou-se de nós alguém que informou viver ali ao pé um homem que tinha num papel a cópia das “letras”.

Chamado imediatamente, apareceu-nos o Sr. Manuel Guerreiro de Carvalho com a tal cópia da inscrição feita no envolucro do masso de cigarros, o que nos deu a certeza absoluta de se tratar de uma inscrição ibérica. Adiantou ainda o Sr. Guerreiro de Carvalho que nos levaria até junto das “pedras” por caminhos por onde o “jeep” podia passar. Sem pestanejar aceitamos a ideia e depois de uma refeição frugal retomamos pelas 14 horas e 30 minutos o caminho da Corte do Freixo, onde chegamos pela 16 horas e 30 minutos depois de enormes dificuldades que suportamos sem desânimo. É que nem sempre, em Arqueologia, deparamos com uma inscrição deste tipo¹.

O Sr. M. Felisberto Guerreiro foi para nós de extrema gentileza, ofertando nos as duas “pedras” que se encontravam ao lado da casa em construção.

Visitamos depois o local do achado procurando se havia mais alguma coisa, e às 17 horas e 30 minutos por Santana da Serra regressemos a Beja, onde chegamos às 21 horas e 30 minutos, conduzindo a preciosa carga que ficou depositada nesta cidade, em casa de um dos signatários (F. N. R.), aguardando transferência para o Museu em organização.

No final de tão tormentosa viagem estávamos fisicamente arrasados, mas ao mesmo tempo satisfeitos por ter salvo documento tão importante.

B) OS DOCUMENTOS RECOLHIDOS

As duas peças recolhidas foram:

1.º *Metade de uma estela* com os respectivos caracteres, fracturada a meio e no sentido vertical, provida na base de um espigão que nos permite admitir a hipótese de que teria sido colocada verticalmente (Fig. 1 e lám. 1).

	m.
No seu maior comprimento mede	1,55
Na maior largura	0,54
Comprimento aproximado do espigão	0,42
Espessura média	0,13

¹ Damos esta descrição com pormenores, para que os novos em Arqueología e os Arqueólogos de gabinete tenham um pouco a noção das dificuldades com que deparam os seus colegas que trabalham no campo.

As dimensões dos caracteres são bastante variáveis: os maiores atingem 0,19 e os menores 0,05.

Os dois aros que circundam as letras são bastante irregulares. O seu afastamento máximo é de 0,23 e o mínimo de 0,095.

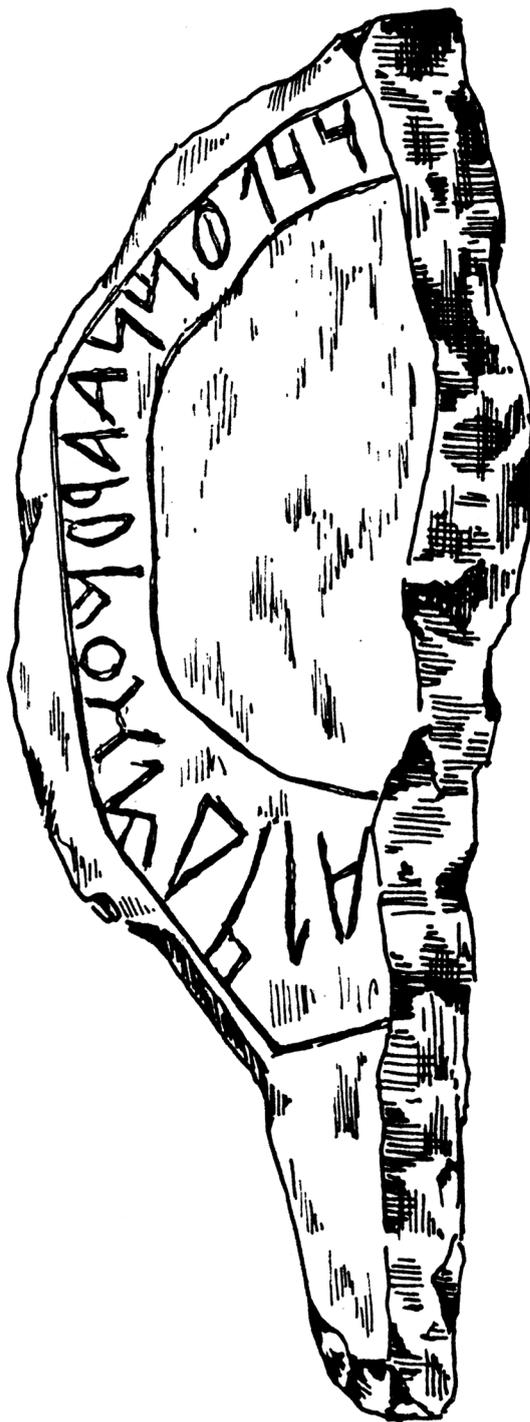


FIG. I. *Lápide ibérica da Corte do Freixo.*

A inscrição devia continuar pela outra metade da pedra que falta, pois tanto no fim como no princípio daquilo que hoje existe há indícios do começo de novos caracteres.

O sulco que se nota sobre as letras foi feito pelo ferro do tractor quando do seu arranque.

2.º Por sua vez a *pedra com gravuras* é uma tampa sepulcral, constituída por dois fragmentos que encaixam um no outro, sendo muito antiga a fractura existente.

Os motivos esculpidos não parecem exactamente os vulgares em outros documentos do mesmo género que conhecemos, mas tem muitas afinidade com eles.

As duas partes desta tampa sepulcral medem:

No seu maior comprimento	1,06
Na maior largura	0,37
Espessura média	0,065-0,07

Os motivos que apresentam são os da (fig. 2).

O facto da associação destes dois documentos na Corte do Freixo (inscrição e tampa sepulcral) pode revestir-se de muito especial interesse, e porventura em estudos futuros vir a ser encarados em conjunto para se estabelecer entre ambos uma aproximação cronológica.

Até agora, a cronologia destas tampas sepulcrais dada por J. Leite de Vasconcelos como sendo dos finais do Bronze e princípios do Ferro, tem-se mantido em estudos posteriores de Mendes Correia, Manuel Heleno, Abel Viana, F. Nunes Ribeiro, etc.

Tem-se recolhido novos materiais, mas nada se alterou quanto ao tempo.

Somos de parecer que os achados agora referidos, não nos trazendo novos dados, aproximam-nos os dois documentos, nada alterando porém, do que José Leite afirmou.

Áqueles que se tem dedicado de uma maneira especial à interpretação das inscrições ibéricas, lembramos o caso da Corte do Freixo e a necessidade que haveria de proceder ali a cuidadosos reconhecimentos.

Por nossa parte, não nos tendo dedicado aos estudos de tal escrita, permitimo-nos apresentar o caso aos especialistas para que, sobre o exemplar agora descoberto nos digam da sua justiça.

Observamos ainda que o Prof. René Lafon, da Universidade de Bordeus, disse um dia em Salamanca a um de nós (A.P.), quando ali se encontraram em 1955 a proferir conferências na Universidade, que as chamadas lápidas com inscrições ibéricas que vira em Portugal tinham certos caracteres da escrita tartéssica, e que por isso teríamos de admitir uma extensão ou influência deste reino na parte meridional do nosso país.

É curioso notar que este facto que René Lafon admitira para a escrita, já o Prof. García y Bellido o havia admitido quanto ao território².

² ANTONIO GARCÍA Y BELLIDO: *Fenicios e cartagineses en occidente*, Madrid, 1942.

C) A LÁPIDE DA CORTE DO FREIXO NO CONJUNTO DE DOCUMENTOS DO SEU GÉNERO

Desejando dar uma ligeira nota das lápides de escrita ibérica conhecidas até agora no nosso país, recorreremos ao nosso Amigo Dr. Leonel Ribeiro, como pessoa

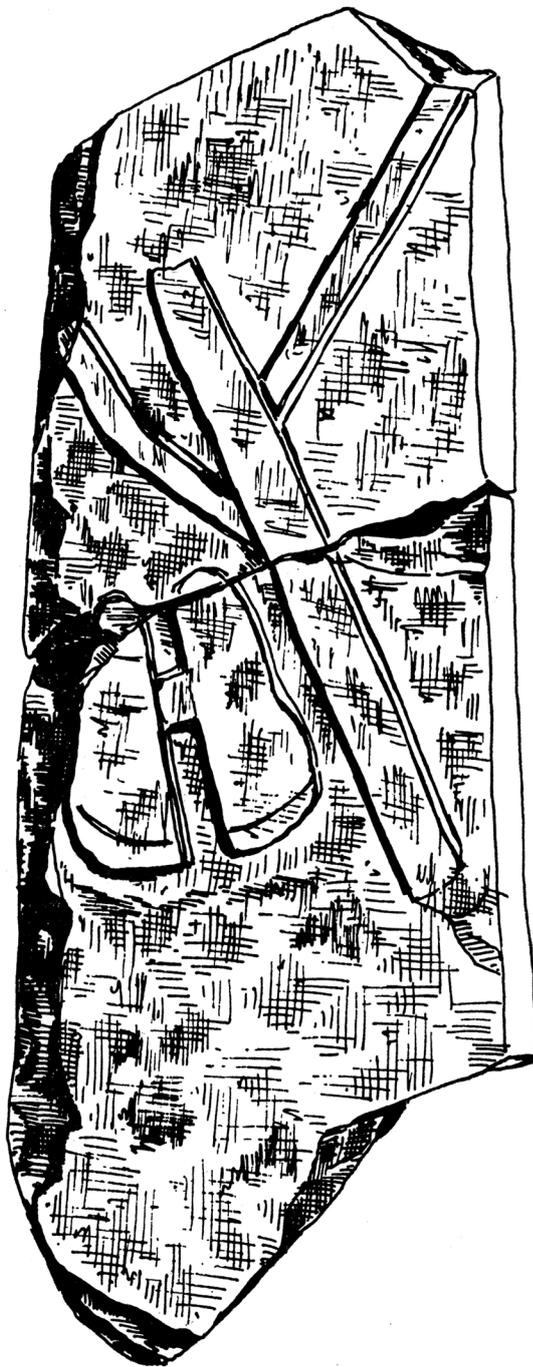


FIG. 2. *Lampa sepulcral da Corte do Freixo.*

que entre nós se tem dedicado mais a estes estudos, e de um trabalho que tem em via de publicação forneceu-nos os elementos desejados.

Disse-nos que alguns dos exemplares até agora recolhidos, em número de 36, foram encontrados:

1. S. Bartolomeu	1	exemplar
2. Panoias	3	"
3. Ourique	1	"
4. Nossa Senhora da Cola	7	"
5. Corte do Freixo	1	"
6. Almodovar	1	"
7. Brancanes	1	"
8. Dogueno	2	"
9. S. Miguel	1	"

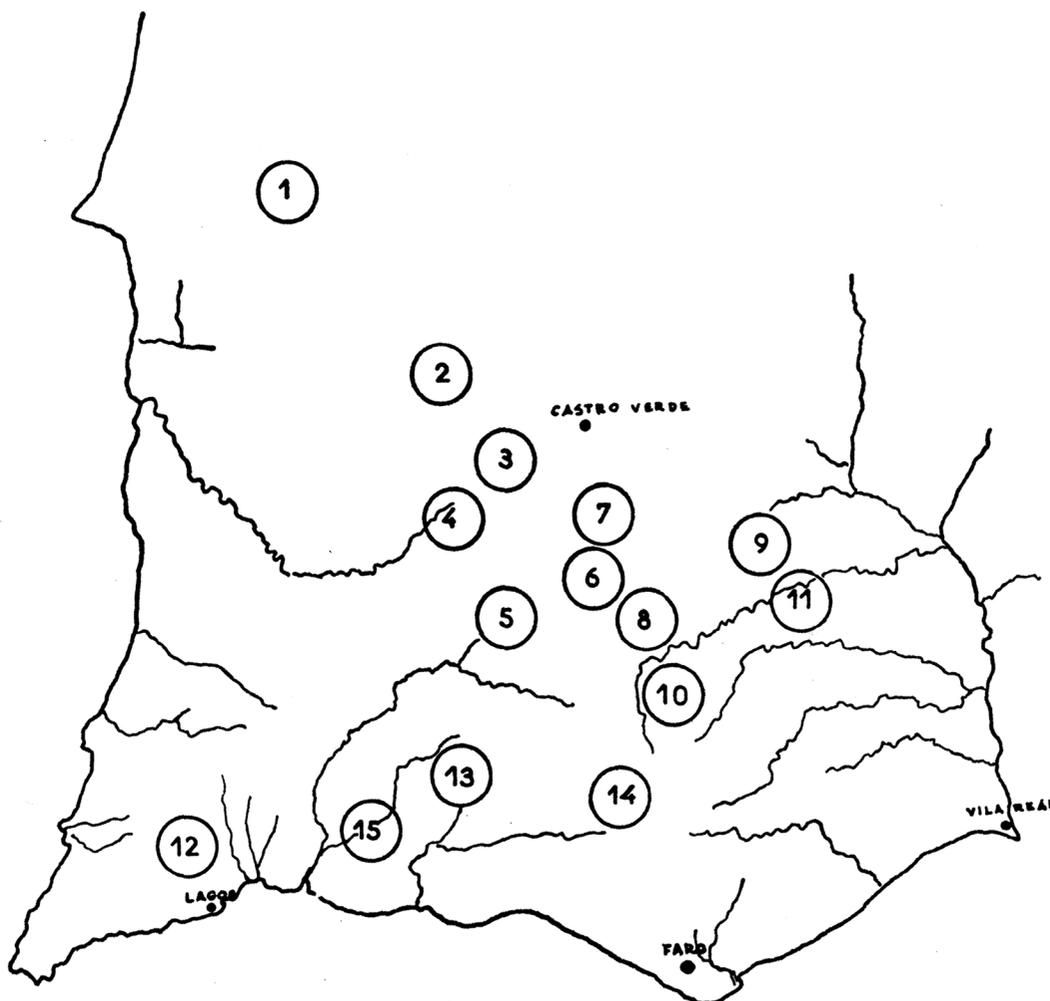


FIG. 3. Distribuição dos lápides ibéricas no Sul do Alentejo e Algarve.

10.	Ameixial	2	exemplar
11.	Martim Longo	1	"
12.	Bensafrim	9	"
13.	Messines	3	"
14.	Salir	2	"
15.	Silves	1	"

distribuídas conforme a carta junta³ (Fig. 3).

³ Ao Dr. LEONEL RIBEIRO, autor do volume sobre escritas ibéricas: *História das Letras e dos Algarismos*, Lisboa, 1959, os nossos mais sinceros agradecimentos.



FIG. 1. *Lápide ibérica da Corte do Freixo.*